



FÓRUM ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO
FEPEG
UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos · Apresentações artísticas
e culturais · Debates · Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO DE GRUPOS JUVENIS URBANOS: o *pedaço* das categorias e a categoria do *pedaço*.

Leticia de Freitas Cardoso

Talvez tua cidade, muitos temores nascem do cansaço e da solidão, descompasso, desperdício herdeiros são agora da virtude que perdemos...

E há tempos, são os jovens que adoecem... E há tempos, o encanto está ausente, e há ferrugem nos sorrisos... (Há Tempos - Renato Russo).

...Filhos da mesma agonia e a cidade que tem braços abertos num cartão postal com os punhos fechados na vida real

lhe nega oportunidades mostra a face dura do mal... (Paralamas do Sucesso).

O que é a cultura, ou o mundo simbólico, senão um jogo que as pessoas inventam para tornar a realidade bruta dos "fatos" mais interessante, divertida, tolerável, manipulável, ou compreensível? Seres humanos diferentes, de culturas diversas, inventam maneiras diferentes para lidar com as mesmas realidades. (Magnani).

INTRODUÇÃO

No presente Texto apresento reflexões sobre o estudo de grupos juvenis urbanos estabelecendo uma relação com a minha proposta teórico-metodológica para o estudo de um grupo urbano de jovens. Tal reflexão é base para minha Tese do Doutorado-DINTER: UERJ/UNIMONTES em Ciências Sociais.

Acredito ser importante, e por isso traço uma reflexão sobre cidade e etnografia seguindo de perto o que fez Magnani em seus Artigos "*De perto e de Longe: notas para uma etnografia urbana*" [1], "*Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*" [2], e outros com estudos de temas próprios e especificamente urbanos. *A priori* utilizo e discuto, a categoria de análise "*pedaço*", desse autor, como referencia ao *lôcus* de encontro e a forma como se organiza o meu objeto o grupo de jovens "Capa Preta". Nesse sentido, apresento alguns conceitos fundamentais baseando em idéias de vários autores sobre Estudo de Caso, Antropologia/Etnografia, estes servirão para balizar a reflexão sobre a etnografia urbana e sua correlação das idéias de Magnani [1,2] e especificamente de sua categoria "*pedaço*" com minha proposta metodológica para o estudo sobre grupos juvenis urbanos.

MATERIAL E MÉTODOS

A fundamentação partiu da discussão de *perspectivas teóricas da Antropologia que indicou categorias de análise para estudos de formas contemporâneas da dinâmica cultural urbana*. Iniciei os estudos com uma pesquisa bibliográfica para a *revisão da constituição do próprio campo da Antropologia Urbana*, os desafios enfrentados e os novos temas propostos para reflexão e as estratégias de pesquisa correspondentes. Analisei bibliografias sobre cidade e pesquisa, privilegiando determinados temas como complexidade, interações, *trajetórias sociais e sociabilidade*. Dediquei especial atenção à problemática da pesquisa em sociedades complexas, particularmente, no que toca às peculiaridades da investigação na metrópole e na sociedade do investigador. Essas abordagens foram de suma importância nas definições do como e com quais referenciais venho bordando o meu objeto de estudo que são os jovens de um grupo de estilo denominado "Capa Preta" na cidade de Montes Claros/MG. Ressalto que os autores e suas idéias estudadas foram os que apresentaram maior correlação com o meu estudo que se trata de uma pesquisa de natureza qualitativa abrigada nos pressupostos teórico-metodológicos de um estudo de caso etnográfico urbano. O que instigou à escolha desse referencial teórico-metodológico e o que a justifica é por levar em conta que existe uma teia subjetiva com vários códigos que devem ser decifrados na busca de entender os procedimentos que os jovens do grupo urbano "Capa Preta" em sua formação grupal utilizam para levar a termo as diferentes operações que realizam em seu processo de socialização no seu "*pedaço*" [1,2].

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns Conceitos Iniciais Fundamentais: Estudo de Caso, Antropologia, Etnografia.

O estudo de caso concebe a observação de comportamento em contexto natural, permite a criação de experimentos tendo o sujeito como seu próprio controle, e ainda, a realização de entrevistas, aplicação de questionários e testes, "em seu contexto o estudo de caso, é delimitado como a coleta de análise de dados sobre um exemplo individual para definir um fenômeno" [3]. Em se tratando de estudo de caso, o estabelecimento da unidade de análise corresponde à definição do "caso" e a descrição dos aspectos relevantes do caso deve ser incluída no projeto. Para a pesquisadora [4] estar interessado em indivíduos não significa que não seja possível focalizar vários indivíduos. Sobre o estudo de caso etnográfico como recurso que utilizarei na minha pesquisa sobre o grupo de jovens "Capa Preta" trago na seqüência desse texto uma breve discussão sobre Antropologia e Etnografia identificando seus conceitos e o papel do etnógrafo. "Antropologia é um mecanismo dos mais importantes para deslocar nossa subjetividade. (...) o homem não se enxerga sozinho. É que ele precisa do outro como seu espelho e seu guia." [5]. Tudo em antropologia é fundado em alteridade, a existência do antropólogo esta condicionada à do nativo informante, e as informações só acontecem quando existe empatia de ambos os lados. Quanto maior e melhor a empatia entre etnógrafo e nativo informante maior e melhor será a



FÓRUM ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO
FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



Unimontes
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

qualidade e quantidade do fluxo de informações. “Em antropologia é preciso recuperar esse lado extraordinário das relações pesquisador/nativo.” [5]. O ofício do etnógrafo é: “vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa de: (a) *transformar o exótico em familiar* e/ou (b) *transformar o familiar em exótico*.” [5]. Nas duas formulas é necessária a presença dos dois termos como sendo dois universos de significação em que “*o exótico em familiar*” é representado pelo movimento original da Antropologia quando os etnógrafos buscavam o entendimento dos “enigmas sociais situados em universos de significação sabidamente incompreendidos pelos meios sociais do seu tempo. No segundo movimento “*o familiar em exótico*” trata-se de movimento contrario quando o etnólogo necessita tirar a capa de membro de uma sociedade alheia para estranhar uma “regra social familiar e descobrir (...) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação.” [5]. O fazer do etnógrafo tem três fases como etapas necessárias de uma pesquisa [5]: A *teórico-intelectual* anterior ao contato com os sujeitos da pesquisa, é a fase do conhecer teórico, universal mediatizado não pelo concreto, mas pelos “livros, ensaios, e artigos: pelos outros.” O *período prático* é a antevéspera da pesquisa, das preocupações e tomadas de decisões mais concretas do ir a campo, do planejamento do que levar, como ir, como chegar, como ficar, “o da especificidade e relatividade de sua própria experiência.” [5]. A *pessoal ou existencial* é um conjunto de esforços de trabalho onde coadunam a nossa formação científica e/ou acadêmica e das lições que o etnólogo deve extrair do seu próprio caso. A fase ‘globalizadora e integradora: ela deve sintetizar a biografia com a teoria, e a pratica do mundo com a do ofício.” [5]. Trata-se de um dialogo com pessoas, é o encontro entre alteridades, a qual se relaciona aos aspectos “românticos”, ou seja, “aspectos *extraordinários*, sempre prontos a emergir em todo relacionamento humano.” [5].

Notas Sobre Etnografia Urbana: o pedaço das categorias e a categoria do pedaço.

Em uma pesquisa de natureza etnográfica, os fatos cotidianos vistos, correntemente, como naturais ou mesmo não importantes são essenciais. Assim, a participação na vida cotidiana dos jovens “Capa Preta” é fundamental para se observar como eles criam a identidade individual e de grupo. Para isto, venho adotando os procedimentos de Magnani [6], que buscou, ao pesquisar a “cultura popular e lazer na cidade”, fazer parte do “*pedaço*”. A categoria “*pedaço*” constitui dois elementos básicos: o primeiro é de ordem espacial, que determina uma relação social que tenha pontos de referencias que delimitam o seu núcleo; o segundo é a necessidade de que “para ser do ‘pedaço’ é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de vizinhança, procedência, etc.” [2]. O termo “*pedaço*” designa aquele espaço “intermediário entre o privado (a casa) e o publico, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa, e estável que as relações formais e individualizadas.” [2]. Considerando esta categoria é que busco observar os vários “*pedaços*” das praças da Av. Dep. Esteves Rodrigues, como e porque os jovens “Capa Preta” instituem como bem cultural a roupa preta, produto que os distingue dos outros que frequentam a mesma Avenida. A categoria “*pedaço*” é utilizada em nossas análises também no sentido de nossas observações apontarem ser a forma de apropriação do espaço urbano feita pelo grupo de jovens traz à tona a necessidade da discussão da relação entre o publico e o privado. Partimos do pressuposto de que a cidade é construída por sujeitos socioculturais e de que é um espaço que abriga a diversidade, com referencias identitarias múltiplas que interferem e sofrem interferências em suas dinâmicas cotidianas. Ela é um espaço de dialogo entre diferentes culturas que se tornam parte da vida de todos como um caminho a ser construído. Nosso propósito é delimitar um campo que possibilite apreciar alternativas de análises focadas na dinâmica urbana contemporânea seguindo o que propõe Magnani [1] para o estudo etnográfico urbano, na perspectiva de um olhar *distanciado*, que considera “indispensável para ampliar o horizonte da análise e complementar a perspectiva *de perto e de dentro*.” Tal argumentação se apoia na percepção de que muitos estudos apontam, comprovam e apresentam os problemas do dia-a-dia nas grandes cidades, mas ele se pergunta se isso seria tudo. Se o cenário degradado apresentado contempla todas as experiências urbanas? A solução apresentada por Magnani [1] seria a mudança do foco de analise do olhar *de longe e de fora* para *olhar de perto e de dentro* com capacidade de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana se dá na cidade e no uso dos seus equipamentos.

Magnani [2] ressalta que, para não se restringir a dizer somente generalidades a respeito do seu objeto de estudo, o etnógrafo não pode contar com a totalidade dada *a priori*. O que se pode fazer é construí-la tendo como fundamento a experiência dos atores, as hipóteses do estudo e as teorias escolhidas, para que o significado dessa totalidade possa ser analisado a partir de algumas categorias de análise. Em “Festa no Pedaço” Magnani [6] apresentou pela primeira vez a categoria nativa “*pedaço*”, que, desde então, tem sido usada como ferramenta analítica por pesquisadores da área urbana. A noção de “*pedaço*” se refere ao espaço caracterizado pelas relações de proximidade. É o circulo que, depois do núcleo familiar, envolve os “amigos, colegas, ‘chegados’”. No estudo em que coloca o campo como cidade, Magnani [2] mostra que a antropologia urbana brasileira, antes de ser um terreno esgotado, está bem viva e atuante, estimulando reflexões e trabalhos, com as marcas características de um campo de estudos em pleno amadurecimento, alimentando-se da incessante mutação do espaço urbano. Para *ser do pedaço*, no entanto, não basta ir e/ou frequentar o mesmo espaço, mas por portarem os mesmos símbolos, terem os mesmos gostos, e se assemelharem por orientações, valores, hábitos de



FÓRUM ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

consumo e estilos de vida. “Não é difícil reconhecer a existência de *pedaços* também em regiões centrais da cidade (...) é a mesma lógica”. [2]. Nesse sentido, o “*pedaço*” a que pertencem passa a ser referido pelos usos que fazem de roupas, falas, posturas, preferências, pelos denominados grupos, tribos, galeras, etc. Conforme Magnani [2], não se referem mais, no ponto de encontro, aos vínculos de moradia, vizinhança: a busca, nesse caso, é por construção de laços, seja de onde vierem. A “antropologia urbana” seria a delimitação para a “antropologia das sociedades complexas”, e seu significado seria a aplicação ao “estudo de grupos sociais e suas práticas quando propriamente inscritos na trama da cidade, isto é, articulados com a paisagem, equipamentos ou instituições urbanas, considerados não um mero cenário, mas uma parte constitutiva dessas práticas.” [1].

CONCLUSÃO

Na tentativa de fechar minhas reflexões neste texto, recorro aos poéticos proclames das epígrafes escolhidas: de forma trágica o primeiro poeta ressalta que “Talvez tua cidade, muitos temores nascem do cansaço e da solidão, descompasso, desperdício herdeiros são agora da virtude que perdemos... e há tempos, são os jovens que adoecem”, nesse sentido, entendendo que falar dos jovens montesclarenses é falar da cidade e das suas oportunidades ou falta delas. Falar especificamente dos jovens pertencentes ao grupo “Capa Preta” requer uma série de esclarecimentos, busco fugir das perspectivas em que alguns estudos sobre cidade enfocam o caos, ou seja, pelo prisma do *mal* proporcionado pela urbanização, entendendo-os de forma também pouco otimista aos moldes do nosso segundo poeta, por serem esses filhos da mesma agonia, herdeiros do *bem* e do *mal*, no tocante do que representa ser jovem nos centros urbanos. Enfim, permito-me ainda, pegando o gancho da última epígrafe desse texto, de forma mais otimista, seguir na trilha das ideias de Magnani para o qual a cultura, ou mesmo o mundo simbólico, não passam de um jogo criado pelas pessoas, intencionadas em constituírem um mundo mais interessante e compreensível, sem temores, sem cansaço, mais virtuoso, aberto como no cartão postal, com formas felizes de alternativas para encararem a realidade de suas vivências e convivências. Assim, é que na busca dos significados da sociabilidade dos jovens do grupo “Capa Preta” o mais importante para tal tratamento enquanto grupo cultural seria associá-los a seus gostos, a seus códigos, simbolismos, por pertencerem a um grupo de estilo, funcionam como um conjunto de preceitos para ações e expressões e para as interpretações de seus membros, criando para eles um sistema de relevâncias e tipificações, geradas por modos distintos de se relacionar. É nos arranjos das pessoas na busca de se viver na cidade, sendo estes demarcados por uma lógica de um *ethos* específico que influencia diretamente seus hábitos, seu estilo de vestir, sua forma de apropriação do espaço urbano, sua visão de mundo, etc. Entender o grupo juvenil urbano “Capa Preta”, no entanto, é confrontar com o seu nível de porosidade em suas fronteiras que não permitem demarcações rígidas, como característica *sine qua non* de grupos urbanos informais, cuja sociabilidade em seu “*pedaço*” se dá por compartilharem símbolos, espaços e estilos que são determinantes de um *ethos* de um grupo que se mantém pela assiduidade e frequência dos seus membros que fazem a diferença de forma diferente no cenário urbano. É na busca da autoafirmação identitária que esses jovens em seus processos de vivências criam seus próprios espaços, elaborando possibilidades de pertencimento ao mundo cultural, deixando de ser um mero espectador passivo, assumindo-se como protagonista de suas ações criativas. Nossos referenciais nos apontam a necessidade de um olhar atento, sem vícios, sensível e empenhado na busca do entendimento sobre a cidade. Através do dizer do poeta¹ os dilemas e possibilidades do fazer antropológico são analisados por Magnani [2] pelo poema que possibilitou uma reflexão antropológica ao relatar com imagens vivas e linguagem poética, sobre “o difícil começo... do nada entender... de quem vem de um outro sonho feliz de cidade” ao encará-la “frente a frente” e que na busca de sentido e encantamento acaba por aprender “depressa a chama-la de realidade”. Um poeta² de Montes Claros diz que a cidade “não chega ser um pontinho preto no mapa, mas quando a gente se afasta o coração pede para voltar” e que não podem entendê-la “quem nunca sentiu o cheiro de terra molhada quando a chuvarada molha as terras dos gerais”. Outro³ ainda descreve a cidade assim: “Montes Claros *montesclareou*, seus olhos cegos de poeira e dor”. São muitas as formas de expressar sobre a cidade e de representá-la, muitos recortes teóricos e empíricos são possíveis, mas para *montesclarear* de fato, é preciso definir o trajeto, optar por um enfoque, desenvolver um estilo, à maneira de Mariza Peirano *apud* Magnani [1], tudo depende da biografia do pesquisador, do tempo e do espaço, do contexto histórico, e também das relações e imponderáveis entre pesquisador e pesquisados. É assim que vou ao “*Pedaço*” dos jovens do Grupo urbano “Capa Preta”!.. Esse é o meu cartão postal!..

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- [1] MAGNANI, J. C. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 17, nº 49, jun. 2002.
- [2] MAGNANI, J. C. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, J. G. C. & Torres, L. de L. (orgs.). *Na Metrópole*, SP: EDUSP, 1996.
- [3] GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa *Versus* Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília/DF: UnB. Vol. 22, pp. 201-210, 2006.
- [4] ALVES, A. J. O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação. In: *Caderno de Pesquisa*. São Paulo: Cad. Pesq. Maio, pp. 53-61, 1991.
- [5] DAMATTA, R. da. *A Aventura Antropológica*: objetividade, paixão, improvisos e método na pesquisa social. NUNES, Edilson de Oliveira (Org.). RJ: Zahar, 1978.
- [6] MAGNANI, J. G. C. *Festa no Pedaço*: cultura popular e lazer na cidade. S. Paulo: Hucitec. 1998a.

¹ Caetano Veloso em seu poema musicado “Sampa”.



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



Unimontes
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

¹ Pedro Boi do “Grupo Agreste” em poema musicado sobre a cidade de Montes Claros/MG.

² Juventino Gomes em seu poema musicado que se tornou um hino sobre a cidade de Montes Claros/MG.